



Encontro Inter-regiões - Sul

Região Sul - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00409
INSTITUIÇÃO	Centro Universitário Ritter dos Reis
CAMPUS	Zona Sul
CIDADE	Porto Alegre
UF	RS
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO11
TÍTULO	Nós não caminhamos sós - Histórias de isolamento no antigo Leprosário Itapuã
ESTUDANTE-LÍDER	Ana Carolina Oliveira Pinheiro
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Mariana Corsetti Oselame (Centro Universitário Ritter dos Reis)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

O livro-reportagem "Nós não caminhamos sós - Histórias de isolamento no antigo Leprosário Itapuã" busca recontar a história de duas mulheres que tiveram a vida atravessada pelo isolamento compulsório, política adotada no Brasil até meados da década de 1980 como forma de profilaxia da Lepra. O livro retoma também a história da Lepra, doença mais antiga da humanidade, e como ela foi vista e combatida ao longo história. Partindo do caso específico de Itapuã, o texto busca desmembrar como a política de segregação foi adotada no Brasil e no mundo. Eva e Marleci, principais personagens, representam, portanto, a vida de milhares de brasileiros que foram segregados em leprosários ao longo do século XX. O projeto foi desenvolvido em 2019 como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, na UniRitter. A ideia do projeto surgiu em 2017, a partir de uma visita feita pela autora à instituição, que abrigava onze ex-hansenianos remanescentes. O Leprosário Itapuã (hoje chamado de Hospital Colônia Itapuã - HCI) foi o destino de 2474 portadores de lepra entre os anos de 1940 e 1985. O anúncio da construção de um Leprosário do Rio Grande do Sul ocorreu ainda nos anos 1920, e foi amplamente difundido pela mídia. Dos anos 1920 até os anos 1940 foram publicadas dezenas de notícias sobre a necessidade da obra, campanhas realizadas para a obtenção de fundos e até a escolha do local definitivo da construção. A partir de 1940, matérias sobre a inauguração do Leprosário Itapuã e do Amparo Santa Cruz (instituição criada para ser o destino dos filhos dos lázaros) saudavam a qualidade das obras e a segurança que elas proporcionavam à sociedade gaúcha. Com o tempo, o Leprosário foi sendo esquecido pelos veículos de comunicação, voltando à pauta nos anos 1980, quando, a partir da descoberta de medicamentos, a necessidade do isolamento passou a ser questionada. Atualmente, as poucas reportagens buscam rememorar a natureza única do local e o estado de abandono em que se encontra. Apesar de toda essa cobertura da mídia factual (que serviu como fonte documental para a construção do livro), o Hospital Colônia Itapuã encontra-se esquecido na memória dos gaúchos, em um ponto situado entre Porto Alegre e Viamão, onde nem o asfalto chegou ainda. O formato livro-reportagem foi escolhido, portanto, por proporcionar um registro histórico não factual dos relatos de vida de pessoas segregadas no Leprosário, o que confere um caráter atemporal às memórias de isolamento. Foi escolhido também pois é o formato que melhor se adequa para reportagens jornalísticas longas baseadas em narrativas da vida real. O HCI funciona, hoje, como um braço do Hospital Psiquiátrico São Pedro, sendo de competência da Secretaria de Saúde do RS. Apesar de ter em suas dependências um memorial público, o acesso é difícil, e depende da autorização do Estado. Além disso, a maior parte das estruturas físicas do local - como a Igreja Protestante, o prédio do cassino, as casas em formato carville, o cemitério, entre outras - sofreu com o descaso do poder público e com a ação do tempo, encontrando-se com sérias avarias. Apesar de a política de segregação ter acabado em 1985, muitos doentes estavam internados há um certo tempo e não tinham mais vínculos familiares. Há ainda os que as marcas da moléstia impediam que reconstruíssem uma vida normal e sem estigmas. Nesses casos, a internação se manteve como forma de abrigo, onde os pacientes conquistaram o direito de seguir morando no HCI até o fim da vida. Todos os moradores possuem mais de 70 anos. Nesse contexto, o livro "Nós não caminhamos sós" busca preservar essa memória. A memória das vidas que foram segregadas compulsoriamente naquela cidade criada para simular uma vida cotidiana para os lázaros que deveriam ser isolados da vida comum. Busca também recontar a história do Leprosário e de sua construção e como a segregação foi adotada como política pública no Brasil.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Para a construção do livro-reportagem "Nós não caminhamos sós - Histórias de isolamento no antigo Leprosário Itapuã" foi necessária uma extensa pesquisa por áreas diferentes do saber, como medicina, história, legislação brasileira e jornalismo. A partir da escolha de retratar histórias de vidas em isolamento no Leprosário Itapuã, foram levantadas diversas questões: Como funcionavam as Colônias? Quantas instituições do tipo existem no Brasil? O que é lepra? O que é hanseníase? Há diferença no uso desses termos? Como é e como era o tratamento? A segregação era uma política pública? Há legislações que amparavam a segregação de pessoas em leprosários? Essas são só algumas das perguntas que precisaram ser respondidas para que o objetivo final, um livro-reportagem que retomasse algumas histórias de pessoas segregadas em Itapuã, fosse capaz de tomar forma e ganhar as páginas. Para respondê-las, diversas técnicas de apuração foram utilizadas: -Pesquisa documental: consulta a documentos como o regulamento interno do hospital, fichas de pacientes, certidões de casamento, nascimento e óbito, fotos e, principalmente, notícias. A pesquisa em acervos de jornais possibilitou um olhar diacrônico sobre o entendimento da doença no país ao longo do século XX. A forma escrita das notícias antigas, tão contrária a forma objetiva atual, garantiu um panorama mais rico na descrição dos fatos. Foi necessário ainda pesquisar em boletins epidemiológicos e campanhas do Ministério da Saúde dados de contágio ao longo dos anos e formas de tratamento. Disponível no site da Fiocruz, há o Manual de Leprologia, publicado pelo Serviço Nacional da Lepra em 1960, referência na história da doença no país. -Entrevista em profundidade: além das personagens principais do livro, foram realizadas entrevistas com especialistas no tema, como um médico infectologista, pessoas que trabalharam no hospital e militantes do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan). As entrevistas com as personagens Eva e Marleci foram feitas em longas conversas, em que cada fato narrado era questionado em detalhes para garantir um relato rico a partir da vivência delas. Já as entrevistas com especialistas vieram em uma segunda etapa, depois da pesquisa documental e das entrevistas com os cases. Buscavam preencher as lacunas existentes nos relatos e confirmar detalhes pontuais. -Pesquisa teórica: na área da história do leprosário, existem poucas referências, e a principal teórica utilizada foi Serres, autora da tese Memórias do Isolamento: trajetórias marcadas pela experiência de vida no Hospital Colônia Itapuã (Unisinos, 2009). -Legislação: foi feita uma pesquisa a partir de 1920, quando surgiram as primeiras leis sobre formas de profilaxia da lepra, até a lei que mudou a terminologia oficial da doença (1995) e a que regulamentou o pagamento de indenização as pessoas que foram segregadas compulsoriamente (2007). Paralelamente a isso tudo, também foi feita uma pesquisa teórica sobre o formato escolhido, o livro-reportagem. A pesquisa foi guiada principalmente por Edvaldo Pereira Lima. Segundo Lima, no livro Páginas Ampliadas (Manole, 2004), o formato do livro-reportagem vem sendo utilizado para contar histórias em profundidade porque "desempenha um papel específico, de prestar informações ampliadas sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva". O gênero permite uma maior exploração da construção de personagens, o que faz com que o público, para além da informação, consiga humanizar a narrativa, atribuindo um nome e uma história aos cases. Ainda segundo Lima, o livro-reportagem é o formato que melhor permite que a reportagem ultrapasse a limitação do curto tempo de veiculação dos jornais diários. Essa maior exploração na criação dos personagens foi guiada também por Vilas-Boas (Manole, 2014), através da criação de perfis jornalísticos com o intuito de humanizar as vivências recolhidas.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

A construção do livro-reportagem "Nós não caminhamos sós - Histórias de isolamento no antigo Leprosário Itapuã" trouxe como desafio a necessidade de cruzar as histórias de vida com dados específicos da doença e da construção do Leprosário. Assim sendo, passada a extensa fase da apuração, o principal desafio foi buscar um encadeamento da narrativa que costurasse o micro e o macro: que partisse das histórias pessoais de Eva e Marleci para apresentar um panorama de como era a vida nos leprosários no Brasil. Para isso, não foi adotada a ordem cronológica, e sim foram escolhidos pontos-chave, que funcionaram como gancho entre os capítulos. A escolha das histórias de Eva e Marleci se deu pois, apesar de ter pontos comuns (ambas passaram a infância em internatos e sofreram com a política de segregação) estão em pontas opostas. Eva foi recolhida aos 12 anos na escola em que estudava, em 1958, após ser diagnosticada com lepra. Já Marleci nasceu em 1955 no Leprosário Itapuã, filha internos, e foi encaminhada recém-nascida para o Amparo Santa Cruz, internato destinado a receber os filhos dos lázaros. O livro é composto por 19 capítulos, além de um texto de abertura (assinado pelo escritor Luís Augusto Fischer), uma linha do tempo, um caderno de imagens e referências bibliográficas. A linha do tempo funciona como ferramenta para situar o leitor no enorme período histórico abarcado pela doença: desde os primeiros registros, em 4300 a.C., até a atual luta de Eva e Marleci pelo reconhecimento de seus direitos. O caderno de imagens traz um panorama da pesquisa documental feita, funcionando como comprovação dos fatos narrados. O livro conta ainda com cinco ilustrações de Antonio Vasques, que em 2017 visitou o local junto com a autora - já com a missão de registrar o espaço. Os desenhos são feitos em grafite em técnica realista, e estão posicionados de forma que conversem com o texto. O uso do grafite e do preto e branco foi pensado de forma a ilustrar as edificações do HCI sem perder o teor sério e informacional do texto jornalístico. Como todos os lugares representados nas ilustrações estão seriamente danificados pela falta de manutenção e ação do tempo, os desenhos mostram como eles eram na época das histórias contadas - forma como eles ainda são guardados na memória dos ex-moradores. É assim traçado um paralelo entre as ilustrações e o caderno de imagens, onde há fotos atuais dos locais retratados. O conjunto narrativa, ilustração caderno de imagens e linha do tempo busca trazer para o leitor o maior número de ferramentas para que ele possa se familiarizar e se reconhecer na história, proporcionando assim uma experiência de leitura única. Que cada pessoa que abra o livro consiga mergulhar nas vivências de Eva e Marleci, e entender como era viver isolado nesse mundo paralelo. O projeto foi apresentado em duas formas: livro impresso e ebook. Ambas versões têm formato 12x18cm. O tamanho foi pensado para lembrar uma agenda, um caderno de memórias. A versão física foi impressa em papel pólen soft, que dá um ar sofisticado e antigo. Conta ainda com duas grandes orelhas, de 11,5 cm cada, onde há, impresso em preto e branco, uma foto do pórtico do Hospital. A intenção é que as duas orelhas, juntas, completem a imagem e funcionem como a porta de entrada para a história. Apesar de ter o mesmo conteúdo, o impresso apresenta um maior número de páginas, pois quando um capítulo termina em uma página ímpar, foi inserida uma página em branco para que o novo capítulo não inciasse em uma página de verso. Já na versão digital, em que o leitor visualiza uma página após a outra, a página branca se mostrou desnecessária, inclusive atrapalhando o andamento da leitura. Portanto, o conteúdo foi pensado de forma a se adequar a cada plataforma, garantindo ao leitor a experiência de mergulhar nas histórias de gente que viveu segregada, estigmatizada e esquecida em uma cidade paralela, próxima fisicamente, porém completamente distante da vida na Capital do RS.